

PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS E SEU PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM: O PROJETO DORINHA

DAYANA SILVA DE OLIVEIRA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: ddayana.oliveira@gmail.com

Introdução

O público infantil é frequentador assíduo do Museu do Ceará, este um museu de história do Ceará localizado no Centro da cidade de Fortaleza. O processo de aprendizagem infantil é diferente dos adultos, pois suas capacidades cognitivas, motoras e psicossociais estão em desenvolvimento, logo é necessário que o museu crie ações educativas que insiram as mesmas de maneira apropriada à sua forma de aprendizado. Principalmente, quando o espaço do qual estamos nos referindo é um museu de história e os objetos museais que serão encontrados, em sua grande maioria, pertenceram a gerações passadas, não sendo encontradas no cotidiano da criança, como por exemplo, modelos de vestimentas, mobiliários de uma casa, entre outros.

Torna-se de grande responsabilidade para o espaço museal ser didático e interativo em que a criança consiga perceber a história de seus antepassados se entrelaçando com o presente, de maneira lúdica, criativa e interessante. Principalmente em uma sociedade tecnológica onde as informações são rápidas e atrativas a exemplo do computador e a internet. Como uma criança iria gostar de um local onde teria muita “coisa antiga”? A seguinte fala de Leite (2010), onde busca mostrar a magnitude do museu que pensa no aprendizado da criança e se propõe a pensar métodos pedagógicos para incluí-la na proposta do museu servirá como ponto de partida e norteará o desenvolvimento deste artigo.

[...] defendo que a relação museu-criança deva estruturar-se na possibilidade de provocar os sentidos e favorecer

as descobertas, convidando a imaginação para o centro do palco – o que significa, na prática, oportunizar experiências múltiplas às crianças nos museus. Mais do que ver/olhar; ou ainda mais do que a vivência sensorial [...] os objetos são dotados de uma linguagem própria – a linguagem pedagógica das coisas – e essa experiência com eles nos deixam marcados na carne. Para que então, essa experiência ocorra no museu, faz-se necessário, sobretudo, rever as formas de comunicação, que incluem toda a ação educativa; a organização dos espaços; as mensagens escritas etc. a fim de acolher de forma qualitativa o público infantil: analisar a facilidade da inteligibilidade das mensagens; a visibilidade das obras (altura etc.) e, sobretudo, nas ações educativas, entender primeiramente que a fruição das crianças necessita de um outro tempo, diferente, singular: tempo para elaborar sentimentos, (re)viver, abrir as portas da magia, da imaginação; tempo para estabelecer relações com o mundo fora de si mesma. (LEITE, 2010, p.2)

Os museus são espaço onde as pessoas de todas as idades podem adentrar e interagir. As crianças como frequentadoras deste local, claro que acompanhadas de um adulto, se utilizam deste espaço como campo de conhecimento e lazer, garantindo e reafirmando um dos princípios da Declaração dos Direitos da Criança¹ quando se afirma que a criança tem o direito a educação e também de divertir-se.

Em entrevista com Kenia Sousa Rios² ela nos relata como foram os primeiros passos para se pensar uma ação educativa voltada para as crianças no Museu do Ceará. A mesma, por iniciativa própria, levou marionetes para testar com estas crianças uma ma-

¹ Ver em <http://www.portaldafamilia.org/datas/criancas/direitosdacrianca.shtml> os princípios da Declaração do Direito da Criança.

² Kenia Sousa Rios é graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (1997), mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999), e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Atualmente professora adjunta da Universidade Federal do Ceará do departamento de História.

neira lúdica e atrativa de fazer a mediação das salas de exposição. Durante o percurso ela fazia várias perguntas às crianças, animando a visita e orientando o olhar delas a reflexão sobre os objetos ali expostos, interrogando sobre o que elas sabiam sobre eles, de onde elas achavam que eles vinham, de que eram feitos, e todo o diálogo foi sendo estabelecido com o intermédio das marionetes.

Esta atividade foi bastante favorável às crianças e também para Kênia Rios que junto ao núcleo educativo e o diretor do museu começaram a pensar a possibilidade de trazer uma metodologia que partisse do objeto, já que um museu é um espaço de objetos e o objeto mais lúdico para uma criança seria o brinquedo, afirma Kênia.

Brougére (2004) fala a respeito desta relação entre o brincar e a criança, onde elas aprendem brincando com os brinquedos/objetos:

Mas o brinquedo possui outras características, de modo especial a de ser um objeto portador de significados rapidamente identificáveis: ele remete a elementos legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definimos a cultura como o conjunto de significações produzidas pelo homem. Percebemos que ele é rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGÉRE, 2004, p.8)

Após esta experiência com as marionetes surgiu a ideia da criação de uma ação educativa direcionada especialmente ao público infantil que auxiliasse a criança a viver o ambiente e aprender o ensino de história do Ceará de maneira lúdica, mas não excluindo o aprendizado de forma crítica e reflexiva. Criou-se então, o Projeto Dorinha pelo Museu do Ceará, que tem sido um recurso pedagógico de grande relevância para o aprendizado da criança com relação ao espaço e ao ensino de história oferecido pelo Museu através das salas de exposições.

O Projeto Dorinha foi criado em 2001 na gestão de Régis Lopes³, foi idealizado por ele, Kênia Rios e Ecila Meneses⁴ junto ao núcleo pedagógico desta gestão com a intenção de trabalhar de forma didática, lúdica e educativa com o auxílio do teatro como recurso pedagógico para o público infantil, que contribuísse para a construção de conhecimentos, reflexão e aprendizado no processo de visitas às salas de exposições.

Havia também uma grande preocupação em trazer mais escolas para visitar o Museu do Ceará, pois para Régis *“não adianta só ter teatro no museu, é preciso ter uma articulação com as escolas. Sem o envolvimento dos professores, sem as atividades em sala de aula, não adianta ter programa educativo.* Dentro desta preocupação com o público, também deveria ser pensado uma ação educativa para o público infantil, visando a importância da criança perceber e pensar o tempo histórico, dentro de um espaço antigo, que a princípio não poderia dizer muito para ela. Esta preocupação de inserir a criança no conhecimento de tempo histórico é de grande pertinência, sobre isto Bergamaschi (2000) nos diz que:

A aprendizagem do conhecimento social é um direito [...], e o campo da história é primordial para produzir essas identidades socioculturais cidadãs e democráticas, principalmente no que tange à compreensão das noções de “espaço” e de “tempo” e da inserção dos sujeitos, individual e socialmente, nos diferentes tempos e espaços. (BERGAMASCHI, 2000, p.1)

³ Graduação em História, mestrado em Sociologia e doutorado em História. Desde 1994, é professor do Departamento de História da UFC. Cargos administrativos: Diretor do Museu do Ceará (2000-2007), Diretor do NUDOC – Núcleo de Documentação Cultural da UFC (2009-2011), Coordenador do Programa de Pós-graduação em História da UFC (2009-2010).

⁴ Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Ceará (1993) e mestrado em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal do Ceará (2003). Atuando atualmente nos seguintes temas: Teatro, Cultura, Estética, Ator, Dança, Formação do artista.

A atriz Ecila Meneses foi convidada a participar desta ideia criando uma personagem que estivesse inserida dentro das propostas das quais o museu trabalha. Ecila criou a boneca Dorinha e ela mesma dava vida à boneca e encantava a todas as crianças. A esta iniciativa também foi criado uma cartilha intitulada *As aventuras da Boneca Dorinha no Museu do Ceará* que serve como um recurso a ser trabalhado com os professores e as crianças em sala de aula antes de visitarem o museu, com o objetivo de atrair o público infantil até doze anos.

O projeto Dorinha tem o teatro como recurso, e este por sua vez vem sendo um instrumento de comunicação e linguagem desde os tempos antigos, e quando junto ao conhecimento de determinado assunto estabelece “o caminho de como ensino e aprendizagem pode ser de maneira atrativa e instigante, facilitando uma porta aberta para dentro de si mesmo e para outros mundos” (MACENA, 2008, p.3), ou seja, o teatro pode nos remeter ao contato e a experiências em forma de aprendizados, de maneira lúdica e pelas representações. Cenário, adereços, texto e dramatização fazem com que o indivíduo aprenda com a sua subjetividade e objetividade, pois “o ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade” (RABELO, 2008, p.15). Logo o museu como campo de conhecimento e interdisciplinaridade à arte não poderia estar fora dele.

A boneca Dorinha foi pensada em uma criança de aproximadamente 7 anos de idade, falante e inteligente. As crianças nesta idade são muito curiosas e a boneca, remetendo à pedagogia do diálogo, faz muitas perguntas para que as crianças pensem em suas respostas e interajam. Sobre Dorinha, Ecila Meneses nos diz que:

Ao tentar traçar um perfil da personagem tem-se que incluir a postura permanente de inocência, espanto e curiosidade. Estas características são os motores de toda sua ação cênica. O encantamento com o museu e sua afeição de se tornar mais inteligente, são justificativas para suas atitudes

que vão desde o ato de perguntar e responder explicando corretamente ou errando para chamar a atenção dos alunos para possíveis equívocos do entendimento, até a brincadeira e piadas, fazendo da Dorinha uma menina do grupo. Além disso, ela é um misto de bem-humorada e atrevida. (MENESES, Palestra ministrada na I Semana Paulo Freire 2001)

Usava um vestido referente a épocas passadas, que fora emprestado pelo acervo do Theatro José de Alencar, com babados e laços, sem exageros, para que a roupa não dispersasse a atenção e tirasse o foco da sala e dos objetos. A maquiagem foi inspirada na *commedia dell'art*⁵ com rosto branco, bochechas rosadas se aproximando mais com um rosto de boneca. Com adereços como uma cesta de cipó cheia de flores, frutas, garrafas de água e também um rádio antigo. Com vistas à conservação, a cestinha com utensílios alimentícios servia para mostrar que não se pode entrar nas salas de exposição portando alimentos e bebidas e o rádio antigo, era utilizado para contar um pouco da história do mesmo levando a criança a perceber de forma breve o valor histórico dos objetos. Sobre suas características, uma matéria no Jornal O Povo em 2001 nos fala assim:

Blém, blém, blém. O tilintar estridente do chocalho avisa. É Dorinha, a boneca de pano, que chegou para uma visita. Marias-chiquinhas enroladas em pitós, narizinho arrebitado à moda Emília (do Sítio do Pica-Pau Amarelo), Bochechas róseas em uma cara de talco e, por debaixo da saia fofa de babados, grandes calções de cetim. Gasguita, enxerida, perguntadora. Na escadaria do centenário prédio do Museu do Ceará, no Centro de Fortaleza, ela quer saber: É um castelo? Um colégio? Uma igreja? (Materia do Jornal o povo, "A boneca do Museu" 12 de outubro.)

Dorinha chega chamando a atenção dos visitantes para ela no auditório Paulo Freire, lugar onde é feita a recepção das turmas

⁵ Estilo do sec. XV surgida na Itália, cômico e que tem como características o uso de maquiagem para ressaltar o rosto do personagem.

que visitam o museu. A personagem pensa estar em uma escola, sem entender ainda o que é um museu. Faz várias perguntas sobre o lugar para todos, tanto para o educador quanto para as crianças. Logo no auditório são respondidas todas as dúvidas quanto à visitação ao museu, como o comportamento adequado e o que irá encontrar.

É comum, as crianças nunca terem ido ao museu anteriormente, logo é necessário um breve educação patrimonial mostrando o valor daqueles objetos expostos e como salvaguardá-los, enfatizando que eles precisam de sua ajuda para que futuras gerações também possam conhecê-los. É nesta hora que a cestinha com vários alimentos e bebidas é utilizada como exemplo do que não se pode portar durante a mediação, pois poderá sujar ou molhar os objetos e que também não se pode tocá-los, estabelecendo regras de conservação.

O teatro e o museu unem-se em um processo educativo, interativo e transformador, fazendo com que a visita da criança ao museu seja marcante e lúdica, conhecedora da história do Ceará, pois “fornecer somente dados é eliminar o processo educativo, assim como negar o lúdico é deixar a educação carente de animo criativo”. (RAMOS, 2004, p. 29). Desta forma despertará na criança a vontade de voltar muitas outras vezes.

Esta iniciativa de criar uma ação educativa para as crianças dentro de um museu que aborda a história do Ceará é de grande relevância para a criança que visita o espaço, pois a mesma não tem uma noção aprofundada da relação de espaço e tempo como a de um adulto, ela vê e percebe a história com outro olhar a partir de sua vivência e do que lhe foi apresentado. Assim sendo, a criança precisa aprender sua história, a história de seu lugar, do mundo. Sobre esse conhecimento que a criança tem de espaço e tempo Dias diz que “os conceitos de tempo e espaço não são inatos no ser humano.” (IN MARQUES E RIBEIRO, 2001, p.12) e nessa respectiva ordem de espaço e tempo nos afirma que:

O primeiro vai se constituindo a partir de interiorizações gradativas de relações de causa e efeito, decorrentes das experiências vivenciadas pelas crianças. Assim, não é fácil, sob ótica infantil, compreender, de imediato, a linha de tempo que ela, criança, estabelece; é necessário, portanto além de um período de vivência, um confronto entre essas duas linhas, estimuladas e exploradas os seus diversos aspectos, para que a criança compreenda e desenvolva as relações temporais que os adultos estabelecem. (idem, ibidem)

E sobre o tempo Dias também nos fala a relação da criança com o espaço quando denota que:

O segundo conceito, por sua vez, se estabelece a se desenvolve, não por simples influências de mecanismos motores perceptivos, mas a partir de relações com objetos, ações e representações coordenadas. Exige, portanto, linguagem e representação figurada (função simbólica) relações topológicas de proximidade, de distanciamento, de junção e de separação, de verticalidade e de horizontalidade, de envolvimento, de ordem, além de relações métricas e projetivas. (idem, ibidem)

Na escola, o ensino de história é aprendido através da escrita, ou seja, dos livros, já em um museu histórico a aprendizagem é feita a través dos objetos. O museu irá mostrar acontecimentos de épocas passadas com os objetos, como por exemplo, os alunos da 3^o série estudam a história de Fortaleza, chegando ao Museu do Ceará, eles podem perceber na Sala de Exposição Fortaleza Imagens da Cidade onde se percebe através de uma réplica a primeira planta de Fortaleza, enquanto vila, e a partir dela uma maquete a representando, assim facilita a criança imaginar como seria sua cidade antes dela e de seus pais, há muitos anos atrás.

Neste sentido “só o trabalho a partir da realidade mais concreta e próxima dessas crianças pode propiciar o desenvolvimento das noções espaço-temporais”. (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 39.) E se a criança estiver aprendendo de forma lúdica o resultado é de

maior compreensão e qualidade, como estímulos “que possibilitem um progressivo contato com realidades mais amplas e complexas”. (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 39.) Compartilhado com esta ideia de que a ludicidade auxilia a criança a aprender história Ribeiro e Marques nos dizem que “Músicas, dramatizações, pinturas, gravuras, teatro de bonecos, podem contribuir para aproximar as crianças da complexidade das relações sociais que se realizam num determinado espaço, numa determinada época.” (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 81)

Nesta concepção o teatro da Dorinha faz a criança perceber o museu de maneira lúdica, pois a personagem Dorinha acompanha as mediações feita pelo educador, este ultimo trabalha a historicidade dos objetos as situando na própria historia do Ceará. A criança aprende e se diverte com a presença da boneca Dorinha descobrindo o passado de sua cidade e expandindo seus conhecimentos sobre sua identidade local, se reconhecendo enquanto individuo fazedor de cultura, e isto é de caráter imprescindível para sua formação em dimensões emocionais, sociais e cognitivas, processo feito através do estudo e ensino da história. Cooper (2006) relata em sua fala acerca desse aprendizado da criança com o passado dizendo que:

Descobrir sobre o passado envolve todos os aspectos da vida humana. [...] Desenvolver um senso de tempo através das histórias, história familiar, e visitas a locais históricos envolve muitos aspectos do desenvolvimento pessoal e social, e como as crianças aprendem sobre sua própria cultura e comunidade, bem como suas semelhanças e diferenças com outros, desenvolvendo um senso de pertencimento. (COOPER. 2006, p. 183)

A citação acima se adéqua com o que o Projeto Dorinha como uma prática cultural e educativa que trabalha em um lugar histórico e que também conta história partindo do diálogo na intenção de proporcionar um momento rico e reflexivo à criança colocando-a em contato com a história local de sua cidade.

As crianças por sua natureza são bastante curiosas, sempre estão querendo conhecer o mundo em que vivem e aprender a estar nele convivendo em sociedade. Levá-las ao museu significa satisfazer algumas de suas curiosidades aprendendo com os objetos, e o quão legal seria se ela chegasse a este espaço e encontrasse meios para se divertir diferentemente de como acontece em seu cotidiano. Leite (2011) nos diz que:

Os museus constituem-se como espaços de curiosidade, que vão ao encontro da necessidade permanente que a criança tem de investigar o e indagar sobre o mundo, uma vez que são locais que privilegiadamente abrigam a diversidade natural; bem como podem dedicar-se a acolher a pluralidade dos modos de ser, agir, viver, sentir e expressar-se dos povos. (LEITE, 2011, p. 51)

Por sua vez a boneca Dorinha contagia as crianças a se encherem de curiosidades e que se sintam à vontade para tirá-las com o educador, partindo do exemplo da personagem que tira todas as suas dúvidas questionando os mediadores. Nesse processo é levada em conta a opinião da criança, seus exemplos de vida e seus conhecimentos prévios ao assunto abordado, mesmo que falem equívocos, estes sendo logo esclarecidos, pois ao estarem ali, todos aprendem e constroem conhecimentos, até o educador também aprende com as crianças, pois é nesta liberdade dialógica “em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no repeito a ela” (FREIRE, 1996, p. 60).

Em um relato a uma matéria de jornal Ecila diz que: “*Eles sabem que Dorinha é uma boneca, mas facilmente entram no imaginário dela*” e que “*o objetivo do teatro-história é ajudar a construir o pensamento da criança na visita ao museu*” fazendo com que o espaço museológico se constitua para a criança em um campo de fruição de conhecimento, onde sua imaginação infantil desbrava o passado através dos objetos lhe iluminando caminhos e tirando suas dúvidas sobre o passado de seus antepassados, em uma relação pro-

vocadora e instigadora, reconhecendo-se como fazedora de cultura dentro de um processo contínuo e que muitas coisas existiram antes dela. Quem sabe motivando até para gostar de história, muitas vezes desenvolvida de forma desinteressante, onde a memorização de dados e nomes se tornam enfadantes.

Práticas educativas e culturais como esta faz a criança se interessar pelo local a ponto de querer voltar outras vezes, redescobrir os mesmos ou conhecer outros objetos não vistos pela sua primeira visita, convidar os pais, amigos e conhecidos para conhecer também o museu, pois a criança tem destas coisas, quando se interessa muito por uma coisa, quer mostrar a todo mundo, como quando ganha um brinquedo e quer que todos o vejam.

Sobre este interesse em retornar ao museu, Santos nos afirma que “segundo Vigostki, não significa repetição das coisas vistas ou ouvidas, mas possibilidades de constituir e combinar o antigo e o novo nas bases da criação” e que esse “caráter lúdico, apresentado nas visitas ao museu, instigou nas crianças a vontade de repetir essa experiência” (SANTOS, 2010, p. 40), sendo este espaço contribuidor da aprendizagem com o caráter divertido, aguçando imaginação, revelando através do olhar uma história, sua história.

Enfim, dentro da trajetória do museu enquanto espaço educativo verificamos o Projeto Dorinha pensado especificamente para o público infantil na intenção de ser um projeto que auxilia a criança e perceber o ensino de história através da reflexão sobre os objetos expostos nas salas de exposições que o MC compõe.

O Projeto Dorinha como uma ação educativa voltada para o público infantil tem como recurso o teatro e cartilhas didático-educativas que se utilizam da arte do teatro de bonecos e da ludicidade propiciando à criança a construção de saberes de maneira atrativa e divertida. Realizado antes das crianças visitarem o museu trabalha com as crianças de maneira minuciosa como o objetos podem ser um instrumento reflexivo e durante a visita das crianças a personagem do projeto, a boneca Dorinha, reaparece com o teatro aguçando ainda mais o olhar das crianças aos objetos museológicos.

Referências Bibliográficas

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a criança de três a oito anos. *Educar em Revista*. Curitiba: Editora UFPR. Volume I especial. P. 171-190, 2006.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *O tempo histórico no ensino fundamental*. In: 23ª Conferência Anual da ANPED, 2000, Caxambu/MG. Publicações do GT7: Ensino Fundamental, 2000.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

LEITE, Maria Isabel. Museus e o público infantil – alguns casos e várias reflexões. *Revista eletrônica EducaMuseu*. www.educamuseu.com.

LEITE, Maria Isabel. *Museu, criança e brincadeira: Combinação possível?* IN: ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro. (Org) *O brincar e a brinquedoteca: Possibilidades e experiências*. Fortaleza: Premiums, 2011. P. 41-55.

MARQUES, Marcelo Furtado e RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *Ensino de História e Geografia – Coleções para professores nas séries iniciais*. 2º Ed. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

RABELO, Claison Luis. *Brincando de Teatro – Oficina de teatro: recurso pedagógico na formação do educador*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Museu, ensino de história e sociedade de consumo*. Cadernos Paulo Freire II. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2004.

SANTOS, Núbia Agostinho Carvalho. *Museu e escola: Uma experiência de mediação entre as crianças de educação infantil e o espaço museológico*. Dissertação de Mestrado, Universidade federal do ceará, Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza – CE.